

Considerações finais

*Giovani De Lorenzi Pires
Fernando Gonçalves Bitencourt
Paula Bianchi
Mariana Mendonça Lisboa*

1. Circularidade e complementaridade no agendamento intermediático

Desde um ponto de vista etimológico, a grafia mais correta da palavra mídia deve ser no singular, uma vez que ela já contém o sentido de plural na raiz da sua construção: trata-se de uma versão aportuguesada do vocábulo inglês *media*, derivado do latim *media*, que representa o plural de *medium* (meio), portanto, mídia significa meios em seu idioma original. Neste sentido, a expressão mídias, no plural, poderia ser considerada uma espécie de redundância ou mesmo um pleonasma¹. Um dos conceitos-chave que vimos tentando desenvolver nos estudos do LaboMídia/UFSC, o de Mídia-Educação Física, atém-se a tal forma de grafia, no singular, em decorrência do conceito original no qual nos fundamentamos, que é o de Mídia-Educação (ver, p.ex.: FANTIN, 2006; RIVOLTELLA, 2009)².

1 Figura de linguagem referente à repetição de algum termo ou idéia na frase. Quando inútil ou desnecessária, pode ser considerada um vício de linguagem, denominado pleonasma vicioso. Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pleonasma>

2 FANTIN, Mônica. *Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

Todavia, em estudos como o presente, cujos olhares investigativos foram dirigidos para diferentes veículos midiáticos, que circulam em plataformas ou suportes tecnológicos diversos, temos a oportunidade de constatar que, agora numa perspectiva cultural, a proposição de Santaella (1996, citada por BETTI, 2003)³, quanto ao uso da expressão no plural – *mídias* -, pode fazer todo o sentido. Betti destaca e compartilha da opção da autora pela expressão *cultura das mídias*, tendo em vista “a proliferação e diferenciação das mídias, cumprindo cada uma delas funções específicas e intercomplementares” (BETTI, 2003, p.91).

De fato, pudemos observar que os meios impressos, eletrônicos e digitais, ao lado daquilo que aqui denominamos *mídias urbanas* (ou *cidade polifônica*), constituem um complexo informacional e comunicacional cada vez mais segmentado e especializado, visando alcançar a todos e a cada um de nós por meio de um discurso próprio – o *discurso midiático* -, o qual se constrói e é veiculado de forma interdependente e complementar entre as diferentes mídias. A este complexo também se pode denominar *indústria midiática*, relacionando-a ao conceito de indústria cultural⁴, na compreensão da condição que ela assume de produtora e veiculadora de produtos, símbolos e significados culturais, que são socialmente compartilhados e consumidos na contemporaneidade (PIRES, 2002; BETTI e PIRES, 2008)⁵.

Para ampliar a compreensão a respeito dessa relação intercomplementar entre a(s) mídia(s), vale referir à assertiva de Pierre

RIVOLTELLA, Pier Cesare. Mídia-educação e pesquisa educativa. Florianópolis: UFSC, *Perspectiva*, v.27, n.1, p. 119-140, jan./jun./2009 (dossiê Educação, Comunicação e Tecnologia).

3 BETTI, Mauro. Imagem e ação: a televisão e a Educação Física escolar. In: BETTI, Mauro (org.). *Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas*. São Paulo: Hucitec, 2003.

4 ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

5 PIRES, Giovanni De Lorenzi. *Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2002.

BETTI, Mauro; PIRES, Giovanni De Lorenzi. *Mídia* (verbetes). In: GONZÁLEZ, Fernando; FENSTERSEIFER, Paulo (orgs.). *Dicionário crítico da Educação Física*, 2 ed., revisada. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2008.

Bourdieu, em *Sobre a Televisão*, na expressão por ele utilizada: “circulação circular da informação” (BOURDIEU, 1997, p. 30)⁶. Através dela, o autor descreve o ambiente de vigilância e concorrência que ocorre no interior dos segmentos jornalísticos, como entre as emissoras de televisão, por exemplo, que obriga os seus integrantes a assistirem, permanentemente, as emissoras concorrentes, para saber as informações que elas veicularam e, assim, as pautarem também em seus telejornais, de modo a garantir não serem “furados” por elas. Tal circularidade da informação faz com que determinados temas tornem-se pautas obrigatórias de várias edições de telejornais de diferentes emissoras, adquirindo assim visibilidade (e, portanto, importância) talvez maior do que a relevância original da informação. Dessa forma, também, as aparentes diferenças entre as informações que cada emissora veicula estão limitadas, na maioria das vezes, ao enfoque de cada uma, decorrente muito mais dos interesses editoriais, políticos ou comerciais, do que da qualidade da abordagem jornalística procedida.

A circulação circular da informação alcança também o espaço intermediário, isto é, entre veículos de suportes tecnológicos diferentes. A manchete do jornal matutino pauta o programa de rádio do meio-dia e é aprofundada no telejornal da noite. Em tempos de internet, todo esse processo circular da informação entre os diversos veículos acontece num movimento contínuo e constante de alimentação/realimentação de sites, portais, blogs e outras mídias sociais.

Observando transversalmente os capítulos que compõem essa obra, construídos a partir do acompanhamento de diversas mídias em períodos de tempo mais ou menos iguais, podemos perceber que a maioria dos assuntos pautados pelos veículos observados guarda grandes semelhanças entre si. Por exemplo, o *imbróglio* referente ao estádio paulista que terá o privilégio de sediar os jogos naquele estado e provavelmente será o palco das solenidades de abertura da Copa 2014 “circulou” intensamente entre os meios pesquisados, ora como uma cobrança no sentido de que o maior estado do país precisava agilizar-se para merecer tal deferência, ora demonstrando que a escolha estaria muito mais ligada a fatores estranhos ao fato esportivo (interesses comerciais, políticos, etc.)

6 BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

do que ao reconhecimento do que representa o Estado de São Paulo para o futebol brasileiro.

Dessa forma, a circularidade da informação apontada por Bourdieu implica um tipo de agendamento intermediático, que resulta na ampliação e consolidação de temas a serem abordados, num movimento que atinge a população, a qual em vista do volume de referências feitas pelos diversos meios acaba mesmo sendo pautada por eles, mas também os próprios meios, que passam a ser agendados, uns pelos outros.

Tomada como um conjunto complexo e difuso de mídias urbanas, a cidade também responde, a seu modo, a essa demanda. No caso deste estudo, em sua polifonia típica, a urbe parece ter preferido calar-se quando o tema era a Copa de 2014.

2. O silêncio da cidade polifônica

Estivemos na cidade em busca de pistas sobre o agendamento da Copa de 2014 no Brasil. Mas nossa Ilha se mostrou, no mínimo, refratária a tal discursividade. Não se tratou de silêncio, uma vez que a polifonia impede essa ausência de sons – mesmo ruídos sibilantes – que uma escusa a palavra permite, ao mesmo tempo em que perseguir os rastros da trama de significados em campo aberto não é tarefa fácil. Talvez discursos paralelos, movimentos sutis, imagens difusas tenham nos escapado. Três outras hipóteses também nos são relevantes, quais sejam: a) o diálogo entre a cidade e as mídias que agendaram o evento foi restrito; b) os debates em torno do tema migraram para outro espaço social; e c) a cidade, uma vez excluída de ser uma das sedes da Copa, ausentou-se do assunto.

Ao tomarmos o conjunto de pesquisas que compõem nosso estudo, podemos perceber distinções no modo de agendamento ao levarmos em conta o veículo de difusão e/ou a linha editorial da empresa. Se considerarmos que a comunicação entre a cidade e as mídias se dá de maneira mais importante com a televisão e observarmos, nestes termos, o pouco investimento da Rede Globo – mais especificamente o Jornal Nacional – no agendamento da Copa de 2014, por motivos já tratados, é possível inferir que um silêncio intencional tenha construído os murmúrios citadinos. Os rumores em verde e amarelo não projetaram Florianópolis no que há por vir.

Ao mesmo tempo, a publicidade, evitando associar-se a uma seleção cuja imagem os meios de comunicação trataram de compor como sendo “alheia ao povo” – a seleção do Dunga –, afastava-se do compromisso de estabelecer o vínculo temporal entre uma copa e outra através da negação identitária entre aquela seleção e a que estaria por vir. Talvez por isso as ruas estivessem vazias de referências, tanto nos *outdoors* quanto nas vitrines e fachadas. Assim, este lugar comum, no qual as pessoas se apóiam para as conversas banais do cotidiano, a Janela de Vidro, como bem denomina seu livro o professor Mauro Betti (1998)⁷, revelou-se distante – para não dizer dissimulada – como o horizonte baço de nuvem chumbo e chuva no qual nada se pode distinguir.

Consideradas tais questões, onde foi parar, então, a manifestação urbana? Há novas configurações de sociabilidade? A dificuldade mais significativa no estudo dos blogs esteve no número elevado de comentários às postagens dos jornalistas estudados. Ler, analisar e categorizar a quantidade de mensagens enviadas no período da pesquisa foi tarefa árdua. Foi assim que se pôde notar a participação coletiva na urbe digital ao cumprirem-se em tal espaço as funções dialógicas e críticas sobre o tema do agendamento. Parece-nos importante, uma vez percebida certa migração da esfera pública da polis para “ciberpolis”, avaliá-la como uma causa possível do esvaziamento da cidade como espaço discursivo.

Mas Florianópolis, alijada de fazer parte das cidades sede da Copa do Mundo de 2014, pode também, como uma criança que faz birra, ter desdenhado o que de início tanto a atraiu e resvalado da pantomima ao sussurro. Portanto, a mobilização da cidade foi resfriada por uma negação e o assunto Copa 2014 tornou-se uma espécie de tabu. Tais aspectos estão, ainda, ligados às promessas de transformação pela qual a cidade passaria, o que fatalmente poria o tema na ordem do dia.

Construção de estádio, melhorias na mobilidade urbana – transporte marítimo, metrô de superfície, reordenamento da malha viária, reforma e ampliação do aeroporto, etc. – revitalização dos espaços públicos de convívio, investimentos em infraestrutura

7 BETTI, M. *Janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.

geral e turística formaram o conjunto de projetos de “melhorias” na arquitetura geral da cidade e que, sem a Copa, escorreram para o vazio da promessa política. Por outro lado, as cidades sede envidam esforços para a captação dos recursos necessários para se cumprir as exigências da FIFA.

Agitadas pelo frenesi econômico-financeiro, as capitais brasileiras que receberão a disputa aboetam-se no balcão de negócios promovidos pelo Estado, a FIFA e as empreiteiras na tentativa de alcançar uma espécie de “padrão FIFA” em suas construções. Ao mesmo tempo, evidenciam as políticas de infra-estrutura e urbanidade, portanto da população, que estão entrando em operação. O “padrão FIFA”, provavelmente ancorado na idéia de civilidade européia – branco, culto e endinheirado – desconsidera características locais, modelos culturais próprios, em nome de uma universalidade *standard*.

Uma perspectiva das políticas populacionais que estão a se operar pode ser observada na construção ou reforma dos estádios. Ainda que se considerem importantes modificações na segurança, higiene e ordenamento dos espaços, por exemplo, os investimentos exigidos ultrapassam nossa capacidade de manutenção destes monumentos ao esporte, o que implica na necessidade de transformar o torcedor em consumidor, mas alijando da possibilidade de consumo a massa da população brasileira, uma vez que os ingressos para acesso ao “espetáculo” precisam ser majorados⁸.

Ao mesmo tempo, em diferentes locais do Brasil, como no Rio de Janeiro, Natal, São Paulo ou Porto Alegre, parcelas da população, bairros inteiros, tem sofrido com desapropriações – realocações, na linguagem burocrática – para que obras de infra-estrutura ou estádios possam ser realizadas. O assédio do Estado ou de empreiteiras, assomados a especulação imobiliária, que valoriza espaços urba-

8 Para uma discussão sobre esta questão, na qual a Kiocera Arena, estádio do Clube Atlético Paranaense, considerado em 2006 o estádio mais moderno do Brasil e que tinha a época os ingressos mais caros da temporada para o Campeonato Brasileiro, ver:

BITENCOURT, Fernando G. *No Reino do Quero-Quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2009.

nos antes “abandonados”, impingem a estas populações pressões de ordem econômico-social reforçando perspectivas biopolíticas consideráveis.

Controlar, deslocar, impedir são procedimentos biopolíticos – a entrada das populações nos cálculos do Estado (FOUCAULT, 2005 e 2008)⁹ – que ora permitem intervenções na população através do discurso do interesse do bem comum ou do Estado. É assim que no Rio de Janeiro o Ministério Público comparou a prefeitura aos nazistas – totalitarismo que levou ao extremo a implantação de biopolíticas – quando, conforme reportagem do UOL de 22/06/2011:

“A Prefeitura vai lá e pinta uma sigla na casa dos moradores: SMH, Secretaria Municipal de Habitação. Isso me remonta os nazistas que marcavam as casa dos judeus”, disparou o subprocurador. “Em dezembro passado, moradores das comunidades de Vila Harmonia, Recreio 2 e Restinga receberam a visita de retroescavadeiras dois dias depois de serem avisados que não seriam desalojados antes do Ano Novo. Muitos tiveram que dormir na praia”.

Tais arbitrariedades estão relacionadas ao consenso político-econômico planejados no governo Lula para a década do esporte no Brasil e que ora são implantados a revelia das comunidades interessadas/afetadas. Portanto, as modificações no circuito urbano, promessas de legado à cidade, não estão restritas ao mundo físico. Tais rearranjos reconfiguram comunidades, expulsam pessoas de suas casas, desarticulam modos de vida, relações sociais, afetos, empregos, etc. Na pressa do cumprimento dos prazos e padrões, princípios mínimos de respeito às populações estão sendo desrespeitados.

Por fim, se nossa Ilha apenas sussurra os desafios para as cidades durante estes “anos de ouro” do esporte no Brasil, outras irrompem efusivamente em alegria desde o anúncio de suas participações no bolo (e na festa). Enquanto isso, uma modalidade de política, que age em silêncio e varre a sujeira para debaixo do tapete, investe sobre as comunidades, projetando no Brasil as “cidades

9 FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

de lata” da África do Sul, ou os grandes muros – tapumes ou barreiras sociais – chineses.

3. O valor de uma seleção... e uma seleção sem valor!

Indiscutivelmente, o futebol possui uma grande importância na cultura brasileira, sendo um elemento constituinte de nossa identidade nacional (do “ser brasileiro”) e aglutinador do pertencimento à nação (ao “povo brasileiro”). Grande parte de sua valorização no campo social está relacionada aos símbolos, significados e representações que este esporte obteve ao longo da história (em parte reforçados e exaltados pelas mídias – imprensa esportiva), e que foram absorvidos e vividos como uma expressão privilegiada/positiva de nossa cultura e características brasileiras (GASTALDO, 2002)¹⁰.

Mesmo apresentando um interesse regionalizado com o futebol, através de uma relação afetiva estabelecida com os clubes locais, frequentemente, observamos a convergência dessa disposição em torno de uma unidade nacional, ou seja, quando nossa atenção volta-se à seleção brasileira que entra em campo. Entrar em campo, principalmente nesta perspectiva, significa para a maioria dos brasileiros, acompanhar os jogos da seleção através das espetaculares “telinhas”, uma vez que, grande parte dessa relação é tecnologicamente mediada pelas “multitelas” (RIVOLTELLA, 2008)¹¹ de nossa sociedade.

Assim, fundem-se e confundem-se interesses esportivos e midiáticos nesta simbiose entre esporte e mídia, muito bem observada e apontada por Betti (1998) e Pires (2002, ambos já citados), e que encontra no futebol, especialmente na Copa do Mundo, uma grande possibilidade de construção e re-construção das representações e desejos que mantém e alimentam o espetáculo esportivo - apresentado pelo agendamento e discurso midiático.

10 GASTALDO, Edson. *Pátria, Chuteiras e Propaganda*. São Paulo: Annablume, São Leopoldo: Unisinos, 2002.

11 RIVOLTELLA, Pier Césare. A formação da consciência civil entre o real e o virtual. In: FANTIN, Mônica; GIRARDELLO, Gilka (orgs.). *Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância*. São Paulo: Papyrus, 2008.

Na análise cuidadosa do discurso da mídia, podem-se observar nuances que não raro passam despercebidas ao olhar desarmado. Um não dizer que pode dizer muito. Um aparente desinteresse que esconde interesses orientados numa perspectiva estratégica, de que silenciar agora pode ser o caminho para ganhar mais adiante. Uma outra forma de agendar, relegando o presente para construir um futuro que se mostre mais simpático, mais acessível, enfim, mais de acordo com o jogo de valores (nada pequenos) que se revelam como pano de fundo dos megaeventos veiculados na mídia.

Os silêncios em relação à Copa de 2014 observados nas transmissões televisivas do Jornal Nacional, bem como no Blog de Lédio Carmona, vinculado à mesma emissora (Globo), parecem ser, mais do que uma coincidência, uma confirmação da tese de que os conflitos e polêmicas do técnico Dunga com a Rede Globo podem ter alterado a perspectiva de agendamento da Copa do Brasil pela mídia televisiva/Globo.

Ao ofuscar a imagem de “seleção do povo”, isolando os jogadores e dificultando o acesso dos jornalistas aos mesmos, o técnico Dunga jogou contra a estratégia do discurso midiático e do agendamento esportivo, que projeta valores e representações ligadas à identificação nacional, tornando, assim, a seleção de Dunga um produto “sem-valor” no mercado publicitário.

O material de publicidade da Panasonic, encontrado na polifonia do contexto urbano de Florianópolis/SC, em plena Copa do Mundo de Futebol, deixa transparecer as intenções, interesses e valores de projetar a seleção do futuro, não aquela de 2010, mas a seleção de 2014, da Copa no Brasil, frente a alto índice de insatisfação social da seleção Dunga (construído pela Globo?). Na publicidade, Neymar, jogador pré-escalado pela imprensa e a opinião pública, e que não foi convocado pelo técnico Dunga, serve de ícone para a construção de novas representações: a renovação, o reencontro com o talento, a juventude, a vitória. Ou, como afirmam os dizeres do material, “*para a nova geração*” e “*preparando o futuro*”. Perspectivas estas, talvez não por acaso, apontadas na entrevista exclusiva dada por Ricardo Teixeira à Rede Globo, dias após a derrota e a desclassificação da seleção brasileira na competição, e muito bem repercutida pelo Jornal Nacional: a juventude e renovação da seleção serão as premissas a serem assumidas pelo novo técnico.

Esta relação ou jogo de interesses confirma que já não é mais possível delimitar as fronteiras entre a informação, entretenimento e publicidade (PIRES, 2002, já citado), revelando as intenções da Indústria Cultural, operada pelas mídias, em construir o produto “seleção”, agregando valores de coesão e identificação nacional, para seu consumo massivo.

Quando o esporte é explorado em seu potencial econômico, inúmeras estratégias e dinâmicas da publicidade se erguem para cativar e construir as audiências e consumidores necessários a mercadorização da cultura esportiva. Neste negócio do esporte, entra em jogo modelos emocionais e o fetiche da imagem espetacular, que na contramão da racionalidade, buscam seduzir e criar falsas necessidades e desejos a serem satisfeitos através do consumo de diversos produtos. Através de “estratégias do tipo associativo” (FERRÉS, 1998)¹², a publicidade busca agregar valores positivo-funcionais do contexto esportivo a seus produtos, que no caso específico do futebol possui grande influencia na auto-estima da identidade brasileira, afinal, só nós somos pentacampeões!

A sintonia e circularidade da observação do “não-valor” da seleção de Dunga, que perpassou diferentes mídias, o discurso publicitário, e a repercussão social, sugerem que a teia de sentidos e significados compartilhados sobre esporte, aqui construídos através do evento esportivo da Copa, e as projeções futuras, estão fundados em interesses que extrapolam o campo esportivo – e mesmo o abandono - alicerçando-se, acima de tudo, em perspectivas econômicas.

De maneira geral, o agendamento da Copa de 2014 no Brasil observado no conjunto dos meios pauta/apresenta o evento como um “grande negócio”, em que os interesses econômicos e políticos ganham os holofotes, sendo os interesses esportivos deixados na escuridão. Assim, possibilidade de reflexão crítica e contribuição à cultura esportiva, através do agendamento da Copa do Mundo de Futebol, foram pouco encontradas no discurso midiático, ficando mais restritas a alguns espaços da mídia impressa e ao denunciamento social, observado nas interatividades (depoimentos) de alguns blogs pesquisados.

12 FERRÉS, Joan. *Televisão Subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998

A importância de se pesquisar o movimento intermediário de agendamento que antecede e prepara o país para a Copa de 2014 está relacionada ao reconhecimento das possibilidades de mudanças que a sociedade brasileira pode experimentar nos anos vindouros; mudanças essas que conforme nosso estudo aponta já se encontram em desenvolvimento. Há, porém, da nossa parte, como pesquisadores e como educadores, preocupação com um fator a mais, que infelizmente não vemos nos discursos em favor da realização dos megaeventos, ou só o encontramos como se se tratasse de uma consequência natural da sua realização: as contribuições que esses eventos, como grandes espetáculos midiáticos, podem trazer para a formação cultural, esportiva, de lazer, etc., da sociedade brasileira, enfim, como educação para a cidadania.

4. Megaeventos, mídia e a educação para a cidadania

Como pesquisadores do LaboMídia/UFSC, vimos nos dedicando a implementar estudos sobre a mídia-educação na Educação Física (Mídia-Educação Física), como possibilidade de educar para a emancipação e a autonomia em relação às mídias, seja no contexto escolar ou fora dele. Autores como Fantin (2006, já citado) e Rivoltella (2009, já citado) e Pinto (2009)¹³ apontam para a necessidade de a educação estabelecer uma perspectiva dialógica com as mídias, e não opositiva, buscando superar a simples negação dos meios e seus conteúdos, especialmente na escola. Nesse sentido, tais autores defendem a mídia-educação como importante campo teórico e metodológico que educadores e profissionais envolvidos na promoção de ações educativas podem requerer para o estabelecimento de relações críticas e reflexivas no âmbito das mídias e das mediações culturais. Fantin destaca que “[...] a mídia-educação pode ser uma possibilidade frente aos desafios de reaproximar cultura, educação e cidadania” (p. 37). Para a autora, na sociedade contemporânea, onde é cada vez maior a nossa relação, seja como receptores ou produtores, com as tecnologias de informação e comunicação em todos os âmbitos da nossa vida, a mídia-educação

13 PINTO, Manuel. Uma orientação ecológica na abordagem das novas mídias e da comunicação. *Perspectiva*. Florianópolis: UFSC/CED, vol. 27, n.1, p181 - 194, Jan./Jun. 2009.

nos ajuda a pensar em processos educativos que levem a uma experiência crítica *com, para e através* dos meios.

Nesse contexto, as gerações imersas na sociedade digital, sobretudo os nativos digitais, interagem com facilidade com diferentes tecnologias e, muitas vezes, as solicitam de forma simultânea até mesmo a outras ações: estudam enquanto ouvem música, atualizam suas redes sociais enquanto vêem vídeos, escrevem mensagens no celular enquanto caminham, enfim, convivem e fazem convergir as esferas do “real” e do “virtual”. Diante disso, percebemos a importância de a educação, especialmente a escolar, reconhecer e integrar-se a esta realidade, criando espaços de diálogo e problematização a respeito das mídias e seus usos sociais, buscando ressignificá-los.

Ao conceber a mídia-educação na perspectiva da cidadania, Fantin (2006, p. 100) apresenta uma quarta possibilidade aos três tradicionais eixos que sustentam a abordagem da mídia-educação:

Cultura (ampliação e possibilidades de diversos repertórios culturais), crítica (capacidade de análise, reflexão e avaliação) e criação (capacidade criativa de expressão, de comunicação e de construção de conhecimentos). A essas três palavras que começam com a letra C, acrescento o C de cidadania, configurando então os “4 C” da mídia-educação: cultura, crítica, criação/criatividade e cidadania.

Com isso, a autora destaca que as abordagens educativas da mídia-educação são capazes de despertar o pensamento reflexivo diante do discurso midiático, formando leitores, ouvintes e produtores críticos, criando espaços sociais de participação e de inserção ativa dos cidadãos, bem como auxilia na construção do próprio conceito de cidadania. Este processo é entendido por Rivoltella (2009, já citado) como um duplo exercício de cidadania, ativo e passivo, no qual os cidadãos exercem papel de reivindicar, denunciar e fiscalizar os seus direitos, mas são também produtores/construtores de direitos civis, políticos e sociais.

Ao longo desta pesquisa, que resultou em estudos que englobam diferentes olhares ao campo da mídia esportiva, procuramos contribuir na perspectiva de associar a mídia-educação e a Educação Física à educação para a cidadania, analisando e refletindo a

realização da Copa 2014 no Brasil e suas repercussões em várias esferas da sociedade, entre elas: economia, política, cultura, infraestrutura e legados. Acreditamos que, conforme as pessoas interajam com as mídias e desvendem o discurso midiático, passem a desenvolver outros tipos de experiências, mais críticas e reflexivas; assim, deixam de ser apenas receptores, mas também passem a atuar como participantes ativos no processo de produção dos conteúdos e no exercício de acompanhar, opinar e fiscalizar os desdobramentos sociais dos assuntos tratados pelas mídias. Neste caso específico, quanto à realização da Copa no Brasil, exigindo entre alguns aspectos: a transparência no processo de execução de obras, das licitações e dos investimentos/gastos públicos, além da participação efetiva da sociedade nos processos decisórios e fiscalizadores no que abrange a realização deste megaevento esportivo.

Daqui quatro anos, o Brasil sediará a Copa do Mundo de Futebol da FIFA. Estará assim em grande evidência, com todos os holofotes midiáticos voltados ao que acontecerá por essas terras tupiniquins. Deixando de lado a euforia, é praticamente impossível abordar o tema do agendamento da Copa 2014 sem fazer questionamentos como: qual a relevância social para o Brasil ser o anfitrião da Copa, considerando que o país ainda enfrenta profundos problemas de desigualdades econômicas e sociais? Quais interesses justificam ao povo brasileiro a decisão do Brasil em sediar a Copa 2014? A respeito da realização de megaeventos esportivos no país, Pires, Silva e Cardoso (2006)¹⁴ também questionaram: *“Quê Brasil foi escolhido para organizar a Copa? Em meio a que conjuntura político-econômica e social esses eventos são uma “jogada” da política no esporte e do esporte na política? E para quais brasileiros isso vai acontecer?”*

Obviamente, é preciso reconhecer que promover um megaevento esportivo como esse pode trazer uma série de benefícios ao país, entre eles: a modernização da infraestrutura física e da prestação de serviços (de educação, saúde, segurança, cultura, etc.), a aceleração da economia do país, atraindo investimentos, turistas

14 PIRES, Giovanni De Lorenzi; SILVA, Mauricio Roberto; CARDOSO, Carlos Luiz. Do Pan Rio/2007 à Copa 2014 no Brasil. Que Brasil? E para qual Brasil? (editorial). *Motrivivência*, Ano XVIII, n.27, p.09-17, dez./2006.

e gerando empregos, a qualificação da mão-de-obra trabalhadora, etc. É também um momento ímpar para incentivar as associações e entidades sociais (sindicatos, conselhos) a participarem das discussões que envolvem o planejamento bem como a supervisão da execução do evento.

No entanto, desde que foi confirmado que o Brasil seria sede da Copa 2014, a partir dos resultados apresentados nesta pesquisa autorizam afirmar que o que predomina é a falta de planejamento para implantação e acompanhamento das ações relativas ao megaevento. Os questionamentos que lançamos acima não exigem respostas, mas ações sociais colaborativas, servindo assim como ponto de partida para a reflexão coletiva da sociedade civil organizada em relação à realização da Copa no país.

Na tarefa de refletir sobre o que o país realmente ganha com o megaevento esportivo, ponderamos duas possibilidades: a primeira é de que a realização da Copa no Brasil representa para o país-sede uma possibilidade de confirmar, mais uma vez, diante do mundo inteiro, a superioridade (genialidade) do futebol brasileiro e resgatar (em casa!) junto à nação a confiança na sua seleção de futebol; por segundo, sob o viés político, especialmente da política internacional, a oportunidade de compor o seletivo grupo dos países desenvolvidos e ocupar lugar de voto em conselhos e representações mundiais.

Assim, se por um lado trata-se de atualizar – nesse indefinível processo de produção e/ou reconfiguração – a identidade a partir de um nós verde-amarelo, ungido pelas honras e glórias dos vitoriosos e em cujas tramas se discute endogenamente uma nacionalidade fulgurante pela bola; por outro, ao entrar em um sistema de prestações e contraprestações, num modelo de dádiva maussiana (MAUSS, 1974)¹⁵, o Brasil se dispõe a oferecer um grande banquete festivo com vistas, ao que parece, a garantir a forja e a manutenção das alianças políticas e de poder (favores). Ao convidar as nações do mundo para tal festa, a Copa do Mundo

15 MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edusp, 1974 [1923-24]

funciona como um grande *potlatch*¹⁶, durante o qual cabe ao Brasil regalar os convivas para tentar fazer parte do “clube dos figurões” e, quem sabe, tornar-se um deles.

Por fim, ao sediar e custear praticamente sozinho o megaevento, o Brasil busca estabelecer alianças de ordem política, econômica e social com nações desenvolvidas, além de fortalecer positivamente sua imagem no exterior, procurando garantir investimentos financeiros de empresas estrangeiras, mercado para exportações, apoio político, entre outras benesses. Contudo, os governantes brasileiros, ao desejar compor o grupo dos países ricos usando a realização da Copa 2014 da FIFA para atingir esse objetivo, acabam por esquecer, ou mesmo menosprezar, necessidades prioritárias da sociedade brasileira: saúde, educação, segurança, habitação, etc.. E à sociedade civil, sem ter sido convidada a discutir sobre o assunto e com espaços restritos de manifestação organizada, caberá a conta!

UM ANO DEPOIS...: algumas atualizações a título de um posfácio¹⁷

Como havíamos informado na Introdução do livro, os relatos e as análises que compõem os seus capítulos são datados, pois decorrem de uma investigação que se concentrou num recorte temporal mais ou menos restrito (março a julho/2010). No momento

16 O *potlatch* – etimologicamente, *dar* – talvez a mais espetacular festividade de dom e contradom que tenha sido descrita, tinha local entre as tribos do noroeste americano haida, tlingit, salish e, principalmente kwakiutl. Numa cerimônia realizada ciclicamente, homens de prestígio, que rivalizavam em prodigalidade e status, acumulavam bens durante um determinado período que por sua vez eram oferecidos aos convidados para o ritual – em geral parentes e amigos pertencentes a outros clãs – num grande banquete de carne de foca ou salmão e inhame. Tal distribuição, realizada à custa do trabalho de membros do próprio clã, era feita com certa indiferença, com um ar de superioridade e até desprezo. Quanto maior o *potlatch*, maior o prestígio de seu oficiante. Tal cerimônia, ao contrário do que se pode imaginar, não tinha caráter puramente econômico, pois nas mais espetaculares, os bens, ao invés de serem redistribuídos, eram consumidos e destruídos em grandes fogueiras: prova do poder daquele que oferecia o espetáculo. Assim se confirmavam alianças, estabeleciam-se hierarquias, configuravam-se as relações políticas.

17 Os autores agradecem as informações e o acesso ao banco de dados (notícias, colunas e blogs) sobre a Copa de 2014 elaborado pelo acadêmico Ângelo Luiz Brüggemann, pesquisador do LaboMidia/UFSC.

em que estamos finalizando o texto destas considerações finais, passou-se exatamente um ano do término do período de coleta de dados. Agora, em julho de 2011, a seleção brasileira está uma vez mais monopolizando as atenções da mídia nacional, na disputada da Copa América, na Argentina. Finalmente, a “canarinho” se reencontra com a torcida brasileira na tela da Globo. O “vilão” Dunga não está mais lá, impedindo o livre acesso dos jornalistas à concentração da seleção. Os “eleitos” Neymar e Ganso estão convocados e são titulares do time do novo “abençoado”, o técnico Mano Menezes – o presidente Ricardo Teixeira continua lá, mas esse sempre foi um “bom companheiro” da Globo, como se sabe.

Nesse ínterim, muitas coisas a respeito da Copa de 2014 aconteceram no país, sobretudo nos campos político, legislativo e econômico, sendo registradas e repercutidas pela mídia. Para este posfácio, vamos nos fixar, porém em três aspectos: *a questão dos estádios*, especialmente sobre a sede da abertura do Mundial; *as novas legislações* aprovadas pelo Congresso Nacional por iniciativa do governo federal; e por fim, *a figura controversa do presidente da CBF e do COL*, Ricardo Teixeira. Para a atualização dos dois primeiros tópicos, seguiremos basicamente o conteúdo do portal de notícias UOL, disposto em uma seção permanente chamada Copa do Mundo 2014 (<http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014>). Essa estratégia também será utilizada nos comentários a respeito de Ricardo Teixeira, mas nesse caso também serão utilizadas duas publicações recentes: o livro sobre a FIFA, de Andrew Jennings¹⁸ e a reportagem da jornalista Daniela Pinheiro, na revista Piauí¹⁹.

A pergunta cuja resposta todos sabem, embora ninguém a profira: São Paulo será, finalmente, uma das cidades-sede da Copa de 2014? Dito de outro modo: terá estádio de acordo com as exigentes regras que a FIFA impõe para tanto? E mais: terá esse estádio (e a cidade, por extensão) o privilégio de sediar as solenidades e a partida de abertura da Copa da FIFA no Brasil?

18 JENNINGS, Andrew. *Jogo Sujo: o mundo secreto da FIFA*. São Paulo: Panda Books, 2011.

19 PINHEIRO, Daniela. O Presidente. *Revista Piauí*, n. 58, julho. Ver em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-58>, acesso dia 10/7/2011.

Quando fizemos o acompanhamento e análise da cobertura midiática da Copa da África do Sul, buscando identificar estratégias de antecipação e agendamento da Copa de 2014, a questão dos estádios das cidades-sedes foi classificada como um dos eixos mais recorrentes em todos os veículos observados. Custos, projetos, financiamentos e garantias, licenças ambientais, alterações em legislações e outros temas referentes à construção ou reforma dos estádios selecionados estiveram sempre na pauta jornalística. Mas nenhum deles foi tão debatido quanto o estádio da cidade de São Paulo que receberia(rá?) a abertura do Mundial. Depois de excluir definitivamente o estádio Morumbi, do São Paulo Futebol Clube, a FIFA passara a pressionar o poder público estadual e municipal para que bancassem a construção de um novo estádio.

O prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, começou então a percorrer uma trajetória errática em suas declarações públicas. Por um lado, dizia concordar com a comissão local da Copa, contrária à exclusão do estádio do São Paulo, inclusive por esta ter se dado notadamente por questões da política do futebol, envolvendo o Clube dos 13, a CBF e os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro, como vimos; por outro, incentivava a divulgação de que a cidade de São Paulo poderia contribuir para a construção de um estádio público, na região de Pirituba, que obviamente passou a ser chamado Piritubão. Kassab chegou a bater o martelo, dizendo que se a iniciativa privada aceitasse uma parceira público-privado com a Prefeitura, seria lá o estádio de São Paulo na Copa.

Poucos meses depois, o “balão de ensaio” do Piritubão murchou e foi enterrado de vez, em grande parte por conta da informação da CETESB a respeito da alta contaminação por metais pesados do terreno onde seria construído o estádio na zona norte paulista, que demandaria, apenas para despoluí-lo, cerca de três anos²⁰. O Morumbi voltava a ser a alternativa viável. Era preciso investir no projeto exigido pela FIFA, que o São Paulo F.C. rejeitara, e ganhar tempo, porque a capital paulista começava a correr o risco de ficar sem estádio para o Mundial.

20 Ver em: <http://oglobo.globo.com/esportes/copa2010/mat/2010/07/14/terreno-onde-podera-ser-construido-estadio-piritubao-para-2014-esta-contaminado-917142565.asp>

Correndo aparentemente por fora, o Corinthians, na véspera de seu centenário (em setembro/2010), anunciou que construiria o seu tão sonhado estádio próprio, na zona leste paulista, o Itaquerão (ou Fielzão, em alusão à Fiel, torcida do Corinthians). No lançamento antecipado do anúncio oficial, que deveria ser na presença do seu principal incentivador, o presidente Lula, Andrés Sanchez, o presidente do clube, na companhia do presidente da CBF, do governador e do prefeito de São Paulo, informou que a intenção inicial era construir uma arena para 48 mil expectadores. Se a CBF e o poder público paulista assim o desejassem, o clube examinaria a possibilidade de ampliar para 65 mil lugares, o mínimo exigido para receber a abertura do Mundial.

A senha tinha sido dada; logo o Itaquerão passou a ser o estádio oficial de São Paulo para 2014, ainda que, naquele momento, o próprio clube reconhecesse não saber de onde obter a verba necessária para bancar a ampliação do projeto original. A CBF e o COL, ambos através da mesma figura de Ricardo Teixeira, deram o aval por projeto de estádio e comunicaram a boa nova à FIFA²¹. O Corinthians tinha crédito na “casa”: não por acaso, o presidente Andrés Sanchez havia sido o chefe da delegação brasileira na Copa da África do Sul, a convite da CBF e, posteriormente, viria a inaugurar o movimento de rebeldia contra o Clube dos 13, rejeitando a negociação dos direitos de transmissão do Brasileirão via edital e assinando em separado com a rede Globo.

A prefeitura também assumiu o compromisso de conceder incentivos fiscais visando baratear o custo da obra. E assim, ainda limitado a uma maquete e a uma apresentação no *power-point*, o projeto do estádio corinthiano passou a ser a solução para todos. E não se pouparam esforços para que ele decolasse. A parceria foi firmada com a construtora Odebrecht, vencedora de várias concorrências de obras públicas federais e estaduais para a Copa, oferecendo assim as garantias exigidas pela FIFA²².

21 Ver em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2010/12/06/fifa-diz-estar-acertada-questao-do-estadio-do-corinthians-na-copa-2014.jhtm>.

22 Em julho de 2011, em nota oficial, a FIFA informou aceitar as garantias oferecidas pelo clube e pela construtora, reconhecendo o futuro estádio de Itaquerã como sede da Copa 2014 em São Paulo. A confirmação da cidade que receberá a abertura da Copa, no entanto, só acontecerá em outubro do presente

No apagar do período legislativo do primeiro semestre de 2011, com as máquinas da construtora iniciando lentamente os trabalhos de terraplanagem no terreno, a câmara de vereadores da capital paulista aprovou, por ampla maioria, um pacote de isenções fiscais para a construção do estádio de Itaquera, no valor de até R\$ 420 milhões. Considerando que isenções fiscais são, de fato, formas de renúncia fiscal, isto é, de dispensa do pagamento de impostos que deveriam ser recolhidos aos cofres públicos e, assim, tornarem-se “dinheiro público”, pode-se inferir daí que a iniciativa privada vai contar com uma injeção indireta de recursos públicos da prefeitura de São Paulo numa proporção maior que a metade dos R\$ 800 milhões que o clube pretende investir na construção de um estádio não-público! Além dos questionamentos do Ministério Público quanto à legalidade dessas benesses, também será preciso ainda resolver a questão dos dutos da Transpetro, empresa do Grupo Petrobrás, que passam sob o terreno de Itaquera. A recomendação do órgão fiscalizador é que os custos dessa obra, por beneficiar uma instituição de caráter privado (Corinthians), devem ser de responsabilidade do clube interessado e da construtora sua parceira comercial²³.

Se a situação política e financeira em torno do Itaquerão é essa, não muito diferente é a da maioria dos demais estádios que serão sede de jogos do Mundial de 2014. A reforma do estádio Maracanã (RJ), por exemplo, conta com aporte financeiro do BNDES ao consorcio Maracanã Rio 2014, na ordem de R\$ 400 milhões. E os custos da reforma já tiveram, desde o projeto inicial, um aumento de 50%, tendo hoje a perspectiva de consumir um total de quase um bilhão de reais. Para constar, vale destacar que compõem o referido consórcio as construtoras Odebrecht, já citada anteriormente, a EBX, do empresário Eike Batista, proprietário do avião utilizado pelo governador do Rio de Janeiro para ir

ano, segundo a FIFA. Ver em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/07/13/fifa-envia-documento-que-oficializa-itaquerao-como-sede-da-copa.htm>

23 Ver: <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/06/15/mpf-sp-recomenda-que-transpetro-nao-autorize-remocao-de-dutos-no-itaquerao.jhtm>

à Bahia, na festa de aniversário de um dos proprietários da Delta, outra construtora integrante do consórcio²⁴.

Em Brasília, mesmo com remotas possibilidades de sediar a abertura da Copa 2014 e contando com pouquíssima tradição no campo futebolístico, o governo do Distrito Federal vem mantendo o projeto de reforma do estádio Mané Garrincha com previsão de acomodação para 65 mil pessoas, o número mágico imposto pela FIFA para que um estádio receba as solenidades e o jogo de abertura de uma Copa do Mundo. O governador Agnelo Queirós vem sendo incentivado discretamente pelo Ministro do Esporte, que foi seu assessor e depois o sucessor no ministério, na expectativa que a construção do Itaquerão não consiga ser concluída até 2013 a tempo de ser utilizado na Copa das Confederações e, assim, venha a ser vetado pela FIFA para a abertura do Mundial de 2014. De todo o modo, com 30% das obras previstas já realizadas, o risco de que o estádio brasileiro possa tornar-se um “elefante branco”, subutilizado após a realização da Copa, não inibe, todavia, ambições políticas que demandarão em torno de R\$ 700 milhões na sua reforma.

Vários outros estádios que serão sede da Copa também vem enfrentando dificuldades de construção, em virtude de inspeções realizadas por parte do Tribunal de Contas da União e dos tribunais estaduais, como paralisações determinadas por suspeita de fraude ou superfaturamento, em vista dos financiamentos públicos via BNDES, que correspondem na média a cerca de 60% dos custos das construtoras contratadas pelo setor público, em parcerias público-privado ou mesmo associadas a clubes, como no caso do Beira-Rio, em Porto Alegre²⁵. Os trabalhos da reforma do Mineirão, recentemente, também foram

24 Um acidente com o helicóptero do empresário Fernando Cavendish, o aniversariante, resultou na morte da nora do governador e de mais seis pessoas, tornando pública essa ligação nada menos que estranha quando tantos interesses se cruzam no espaço da administração pública.

25 *Dinheiro público sustenta parcerias em estádios da Copa*. Folha de São Paulo, 11/07/2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1107201102.htm>. Mesmo considerando as diferenças das economias do Brasil e da Grécia, vale ressaltar que parte significativa da crise financeira (e política) porque passa aquele país se deve ao endividamento público produzido para realizar os Jogos Olímpicos de Atenas/2004. Matéria neste sentido, de autoria de Vitor Paolozzi, foi veiculada no jornal Valor Econômico (“Gasto olímpico grego ilustra a perda de controle das finanças”).

interrompidos por algumas semanas, mas neste caso a causa era outra: greve dos trabalhadores contratados pela Minas Arena, consórcio responsável pelas obras.

E no meio disso tudo, frequentemente ainda observamos a FIFA criticar o sistemático atraso nas obras necessárias para a realização da Copa em 2014 no Brasil. Além dos estádios, são referidos os descumprimentos de cronogramas no que se refere às reformas dos aeroportos, das obras de infraestrutura, de mobilidade urbana, etc. O secretário-geral da FIFA, Jerome Valcke, em pronunciamento no Forum Mundial do Futebol, na Rússia, afirmou²⁶: *“Não temos estádios, não temos aeroportos e parece cada vez mais provável que algumas instalações como o Maracanã só fiquem prontas algumas semanas antes do evento”*.

As críticas da FIFA à organização da Copa no Brasil não se fizeram ouvir, no entanto, quando o governo brasileiro, cumprindo acordo exigido no caderno de encargos já quando da candidatura do país a sediar o Mundial, promoveu mudanças no sistema tributário para isentar de impostos as obras dos estádios e aumentar o teto de endividamento das cidades-sede²⁷. Tampouco quando, ao arrepio da legislação das licitações públicas, mais uma vez o governo federal exigiu do congresso nacional alterações para a contratação de serviços relativos a obras para a Copa e os Jogos Olímpicos de 2016²⁸.

Isso tudo sem esquecer que, ainda em maio de 2010, como referido nos capítulos anteriores, o governo federal já havia sancionado projeto de lei que exime a FIFA e suas parceiras na organização do Mundial do pagamento de quaisquer impostos por suas atividades no país. Na ocasião, o presidente Lula assinou também

Disponível em: <http://observatoriomidiaesportiva.blogspot.com/2011/07/jogos-olimpicos-de-atenas2004-e-atual.html>

26 Ver em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/06/24/jerome-valcke-volta-a-atacar-preparacao-do-brasil-para-a-copa-do-mundo.htm>

27 Ver em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2010/11/24/senado-aprova-isencao-fiscal-e-aumento-do-teto-de-endividamento-para-copa-2014.jhtm>

28 Ver em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/07/06/senador-aprova-medidas-que-agilizam-obras-da-copa.htm>

um decreto, criando o Comitê Nacional de Proteção de Direitos da Copa de 2014 para proteger os direitos intelectuais e comerciais da FIFA. Segundo comunicado da Presidência da República:

“A isenção fiscal é uma exigência feita pela FIFA a todos os países que organizam a Copa. As medidas fazem parte de um conjunto de compromissos assumidos pelo Governo perante a entidade em 2007 para atribuir-se como sede do evento”.²⁹

Em novembro de 2010, o Senado ratificou decisão anterior da Câmara e aprovou os projetos de lei de conversão decorrentes das medidas provisórias (MP) n. 496 e 497. A primeira, relatada pelo deputado Carlos Abicalil, autoriza que estados e municípios envolvidos com a realização da Copa 2014 e dos Jogos Olímpicos 2016 aumentem sua capacidade de endividamento para além do teto instituído pela lei de responsabilidade fiscal que foi, assim, na prática, alterada. Já o texto da lei decorrente da MP 497, cujo relator foi o deputado Arlindo Chinaglia, determina que a compra e a importação de materiais de construção, equipamentos, aparelhos, instrumentos e máquinas para a realização das obras dos estádios não sofrerão cobrança de impostos, como o Cofins, IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), PIS/Pasep e Imposto de Importação, sendo o benefício estendido também aos estádios que serão usados para os treinos das seleções.

Se restasse alguma dúvida quanto à importância dada pelo governo federal a essas estratégias de facilitação das obras dos estádios para a Copa 2014 (com a respectiva renúncia fiscal), bastaria observar a quem foi atribuída a responsabilidade pela relatoria dos projetos: dois deputados do Partido dos Trabalhadores, ambos experientes e radicalmente fiéis ao então Presidente Lula.

No início do mês de julho de 2011, o Senado ainda aprovou medida provisória (MP nº 527/2011) que já havia sido aprovada na Câmara Federal, criando o Regime Diferenciado de Contratação (RDC), válido para as obras da Copa 2014 e os Jogos Olímpicos 2016. Pelo texto da agora lei, são alterados vários trechos da Lei de Licitações, como os que seguem:

²⁹ Ver em: <http://www.jornalnh.com.br/brasil-2014/261942/lula-sanciona-isencao-de-impostos-para-fifa-e-parceiros-da-entidade.html>

- *Empreitada integral*: a mesma empresa é contratada para formular o projeto básico e executá-lo, sendo responsável por todo o processo, até a entrega da obra;
- *Habilitação do vencedor da licitação*: a etapa de habilitação passou para o final do processo, ficando essa exigência restrita ao vencedor da licitação;
- *Redução da fase recursal*: até agora, as empresas preteridas podiam recorrer em diversas fases do processo; pelo RDC, os recursos serão impetrados somente no fim do processo licitatório;
- *Remuneração conforme desempenho na execução da obra*: permite prever prêmio à empresa no caso de entrega em prazo menor que o previsto, por exemplo;
- *Pré-qualificação permanente*: permite que empresas mantenham por até um ano dados cadastrais que as pré-qualifiquem a participar de uma licitação.

Porém, a mais controversa das alterações criadas pelo RDC é a que garante sigilo do valor básico da obra (aquilo que o governo entende ser razoável pagar) até o final do processo licitatório, sendo aberto apenas aos órgãos de fiscalização, como o TCU. Os favoráveis à medida argumentam que isso instala uma nova dinâmica concorrencial, tendo em vista que, sem saber qual o preço considerado justo pelo governo, as empresas concorrentes deverão fazer orçamentos mais ajustados à realidade, sem exceder nem sobrevalorizar os custos. Os contrários, além de alegarem a inconstitucionalidade da lei, denunciam que o processo secreto favorece a prática de atos de corrupção e conluio (acordo prévio) entre concorrentes.

Os partidos da oposição ao governo federal denunciaram a iniciativa pela falta de transparência nos atos públicos e, assim que foi aprovada a lei, prometeram entrar com ação direta de inconstitucionalidade (ADIN) no Supremo Tribunal Federal (STF), visando sustar a sua vigência.³⁰

Vale ainda destacar que o RDC é uma emenda à MP n. 527/2011, cujo escopo inicial previa a criação da Secretaria Nacional da Aviação

30 Ver em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/07/06/senador-aprova-medidas-que-agilizam-obras-da-copa.htm>

Civil, com status de ministério, para coordenar as ações da ANAC e INFRAERO, visando enfrentar os problemas de infraestrutura aeroportuária e da malha aérea nacional, outro ponto sempre criticado quando o assunto é a realização dos megaeventos esportivos no país.

Todos esses movimentos do governo federal, inclusive com altos custos políticos, além dos financeiros, visando adequar a realidade do país às necessidades e exigências para bem realizar tais megaeventos, no caso da Copa do Mundo FIFA 2014, esbarram num fator até aqui incontornável: Ricardo Teixeira, membro do comitê-executivo da FIFA, além de presidente do COL e da CBF; portanto, o legítimo “dono” da Copa no Brasil.

As denúncias a essa figura funesta do futebol brasileiro são abundantes e frequentemente renovadas na mídia e no meio político. Presidente da CBF desde 1989, tem mandato garantido até 2015, o que faz dele um dos mais longevos cartola do esporte brasileiro. Neste período, foi investigado em duas CPIs (comissão parlamentar de inquérito) no Congresso Nacional, uma do futebol e outra específica sobre as relações entre a CBF e indústria de material esportivo NIKE. De ambas, livrou-se sem ser indiciado porque a “bancada da bola”, grupo de parlamentares que recebe dinheiro da CBF para suas campanhas políticas, impediu a votação do relatório final que o acusava, entre outras coisas, de corrupção ativa e passiva, evasão de divisas, contrabando, lavagem de dinheiro, etc.

Além destes indícios de crime contra a economia nacional, Ricardo Teixeira é denunciado pelo jornalista inglês Andrew Jennings (2011, já citado) por ter recebido, junto com seu ex-sogro e também ex-presidente da FIFA, João Havelange, propinas da ISL, agência de marketing e negócios esportivos associada à FIFA, criada por Horst Dassler, herdeiro da Adidas e responsável pela engenharia financeira que fez da FIFA a potência econômica que é hoje. Segundo descreve Jennings, antes de quebrar, deixando um passivo de vários milhões de dólares, a ISL teria repassado a dirigentes da FIFA, já sob o comando de Josef Blatter, cerca de cem milhões de dólares. Denunciados pela justiça suíça, responsável pelo inquérito da falência da ISL, Teixeira e seu introdutor na política do futebol internacional, Havelange, teriam feito um acordo, pagando multa de cerca de 9,5 milhões de dólares para obter uma cláusula de

confidencialidade, o que implica segredo de justiça para o processo, pelo menos até agora.

A imprensa brasileira tem tido tratamento bastante diverso em relação ao presidente da CBF. A parceira comercial Rede Globo e os diversos suportes que compõem o seu sistema midiático, incluindo os blogs hospedados em seu portal de notícias, determinaram “lei do silêncio” sobre o assunto; enquanto isso, integrantes do jornalismo investigativo e crítico, sobretudo em veículos como o site UOL, o jornal Lance e o canal de TV por assinatura ESPN-Brasil, vem a longo tempo divulgando essas denúncias e cobrando providências dos órgãos de fiscalização e do Congresso Nacional. Mais recentemente, a TV Record, por causa das manobras entre CBF e Rede Globo que implodiram o Clube dos 13 e a tiraram da disputa pelos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro, iniciou uma campanha agressiva e cotidiana em seus veículos (TV aberta, jornais e o portal R7) contra Teixeira. Seu braço político, o PRB (Partido Republicano Brasileiro), também associado de certa forma à Igreja Universal do Reino de Deus, vem fazendo eco à campanha do grupo Record no parlamento, tentando colher assinaturas suficientes para a abertura de uma CPI, assim como denunciar Ricardo Teixeira ao Ministério Público Federal.

Além das resistências impostas pela já referida “bancada da bola”, também parlamentares ligados ao governo parecem recear dar apoio a tais iniciativas no Congresso, com medo de provocarem a ira do “dono da Copa”, que tem demonstrado poder e disposição suficientes para enfrentar até mesmo a sua hoje parceira, a Rede Globo. Na reportagem da revista Piauí (já referida), Teixeira conta que, durante a CPI CBF-Nike, em 2001, a Globo veiculou um programa Globo Repórter denunciando irregularidades na sua gestão à frente da CBF e mostrando incompatibilidade entre seus rendimentos e seu patrimônio. Por vingança (ou alerta quanto ao seu poder?), Teixeira trocou o horário de um clássico Brasil e Argentina, vendido à Globo, marcando a partida para as 19h45min de uma quarta-feira e sobrepondo-a, assim, na grade de programação nobre da Globo, a duas novelas e ao Jornal Nacional. A emissora encaixou o golpe, transmitiu o jogo, arcou com o prejuízo de não mostrar os comerciais previstos nos intervalos da programação de horário nobre (os mais caros) e depois disso nunca mais noticiou qualquer crítica ou denúncia ao parceiro.

Na mesma reportagem da revista Piauí, Ricardo Teixeira faz questão de deixar à mostra sua personalidade mesquinha, grosseira (suas falas, reproduzidas na reportagem, são recheadas de palavrões), vingativa. E revela também sua sensação de onipotência, ao disparar contra todos os que não se vergam às suas vontades. Nesse rol, está listada a imprensa não alinhada à CBF (“olha como a imprensa brasileira é escrota!”, brada ele) e as instituições republicanas, como o governo e o congresso. Político que não lhe bajula, é um mau político, não quer o bem do nosso futebol, não quer o bem do Brasil. Assim, Ricardo Teixeira tem imposto suas exigências ao governo brasileiro, encomendando um “puxão-de-orelhas” da FIFA ao país sempre que sua opinião corre o risco de ser contestada ou quando uma nova denúncia contra ele aparece por aqui.

A declaração que conclui a reportagem deixa claro o seu personalismo e o pouco-caso para com o país: *“Em 2014 posso fazer a maldade que for. A maldade mais elástica, mais impensável, mais maquiavélica. Não dar credencial, proibir acesso, mudar horário de jogo. E sabe o que vai acontecer? Nada, sabe por quê? Por que eu saio em 2015. E aí, acabou”*.

Por fim, pedimos licença para concluir esse posfácio (e esse livro) reproduzindo parte de uma postagem recente do blog de José Cruz, um dos principais jornalistas investigativos brasileiros, que acompanha e analisa sistematicamente as políticas públicas e o sistema federativo do esporte do país há um bom tempo. Especialmente a parte final, que destacamos em negrito, expressa plenamente a nossa indignação, como educadores e pesquisadores do esporte, com a situação com que somos obrigados a conviver, como sociedade e como povo culturalmente tão identificado com o futebol:

“A CBF é uma entidade particular, não recebe verba pública e, por isso, não está sujeita a auditorias do Tribunal de Contas da União ou ações da Controladoria da República.

Daí, que ações poderá adotar o Senado, diante das denúncias a Ricardo Teixeira? Mais: as obras da Copa não passam por suas mãos, pois estão sob a observação do Ministério do Esporte.

Porém, a CBF dirige uma instituição oficial, a Seleção Brasileira, um dos símbolos da nossa cultura. Os atletas desfilam

com as cores do Brasil, cantam o Hino Nacional e a delegação se perfila diante da nossa Bandeira. É a representação nacional em campo. E em nome dessa instituição a CBF arrecada milhões de patrocínios (foram R\$ 164 milhões, em 2009).

[...] No entanto, não se pode ignorar que é uma vergonha recebermos a Copa tendo à frente um comandante acusado de corrupto”.

(Blog do Cruz, sem negritos no original) ³¹

31 Ver em: http://blogdocruz.blog.uol.com.br/arch2011-07-01_2011-07-31.html#2011-07-13_01_03_28-139474431-0